

O SURGIMENTO DA LINGUAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Gerlania de Moura Bezerra¹

Eliomar Araújo de Sousa²

Daniele Kelly Lima de Oliveira³

Sirneto Vicente da Silva⁴

RESUMO

O trabalho originou o complexo da linguagem, a qual proporcionou o desenvolvimento da consciência humana. Enquanto mediadora entre os seres sociais, desempenha papel fundamental no acesso aos conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores, impulsionando novas descobertas. Este artigo constitui-se um recorte de uma monografia de graduação e tem como objetivo analisar como a linguagem – suscitada pelo trabalho –, e as relações sociais constituem a consciência humana. Para tanto, apoia-se na perspectiva histórico-cultural, a qual fundamenta-se no materialismo histórico-dialético. Adota como principais teóricos Engels (2006), Luria (1979), Rego (1995) e Oliveira (1997). Conclui-se que a linguagem humana surge da intervenção dos seres sociais na natureza, como uma necessidade de repassarem aos demais membros da comunidade as descobertas realizadas por meio do trabalho coletivo, transmitindo-as para as gerações seguintes. Ademais, constitui-se como mediadora entre os seres humanos, contribuindo para a formação do pensamento superior e determinando o comportamento humano para além das características biológicas herdadas pela espécie.

Palavras-chave: Linguagem; Consciência Humana; Perspectiva Histórico-Cultural.

THE EMERGENCE OF LANGUAGE AND ITS IMPLICATIONS FOR THE DEVELOPMENT OF HUMAN CONSCIOUSNESS

ABSTRACT

Labor gave rise to language, which in turn enabled the development of human consciousness. As a mediator between social beings, language plays a fundamental role in accessing the knowledge produced by previous generations, driving new

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). E-mail: gerlania.moura@aluno.uece.br.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (UECE). Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: eliomar.sousa@aluno.uece.br. Orcid: 0000-0003-4748-0139.

³ Doutora em Educação (PPGE/UFC). Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: dankel28@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0002-8891-7328.

⁴ Doutor em Educação (PPGE/UFC). Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN/UECE). Vice-líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: sirneto.silva@uece.br. Orcid: 0000-0003-4334-1916.

discoveries. This article is an excerpt from an undergraduate thesis and aims to analyze how language – brought about by labor –, and social relations constitute human consciousness. To this end, it draws on the historical-cultural perspective, which is based on historical-dialectical materialism. It adopts Engels (2006), Luria (1979), Rego (1995), and Oliveira (1997) as its main theorists. It concludes that human language arises from the intervention of social beings in nature, as a need to pass on to other members of the community the discoveries made through collective work, transmitting them to subsequent generations. Furthermore, it acts as a mediator between human beings, contributing to the formation of higher thought and determining human behavior beyond the biological characteristics inherited by the species.

Keywords: Language; Human Consciousness; Historical-Cultural Perspective.

INTRODUÇÃO

Foi por meio do trabalho que a linguagem surgiu como uma necessidade humana de comunicar aos demais membros daquela sociabilidade primitiva as descobertas realizadas através das transformações da natureza, enquanto produto da ação dos homens e mulheres da época.

A linguagem, depois do trabalho, conforme afirma Engels (2006), é uma das principais criações da humanidade, a qual incidiu e incide na formação do pensamento superior, isto é, no desenvolvimento da consciência humana. Para mais, a linguagem modifica o comportamento dos seres sociais, permitindo planejarem previamente suas ações, escolhendo os melhores materiais com o fim de que sua objetivação seja a mais próxima possível do que foi ideado.

Enquanto mediadora, a linguagem desempenha uma função singular na sociedade, pois é por meio dela que as novas gerações dão continuidade às descobertas que vêm sendo realizadas ao longo da história da humanidade, uma vez que as gerações atuais repassam para as gerações seguintes o patrimônio cultural acumulado ao longo da história da humanidade.

Isto posto, este artigo é parte de uma monografia de graduação desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), filiada ao Grupo de Estudos Alfabetização de Crianças, Formação de Professores e Psicologia Histórico-Cultural (Gealfaforphcultural/FAFIDAM/UECE), ancorado no Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (Gpeempoderar).

Com o objetivo de analisar como a linguagem – suscitada pelo trabalho – e as relações sociais constituem a consciência humana, o estudo está embasado na perspectiva histórico-cultural, a qual fundamenta-se no materialismo histórico-dialético de Marx e Engels. Utiliza como técnica a pesquisa teórico-bibliográfica, a qual, de acordo com Gil (1996, p. 51) “[...] se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto [...]”. Ademais, apresenta como principal vantagem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 1996, p. 50). Para tanto, alicerçam as discussões que apresentamos, os autores considerados relevantes para a compreensão do desenvolvimento da linguagem humana em uma perspectiva histórico-cultural, a saber: Engels (2006), Luria (1979), Rego (1995) e Oliveira (1997), dentre outros.

O texto está dividido em duas seções principais: a primeira seção contextualiza o surgimento da linguagem, no quadro da história da humanidade; a segunda seção apresenta elementos que propiciam a compreensão da linguagem como indispensável para a formação do pensamento superior dos seres sociais e organizadora do comportamento humano.

A LINGUAGEM DO SER SOCIAL: UMA NECESSIDADE ORIGINADA DO TRABALHO COLETIVO

A linguagem surge como uma necessidade do ser humano se comunicar, para além disso, uma necessidade de repassar os seus conhecimentos para sua comunidade. Mas a linguagem não se manifesta magicamente, é a partir do trabalho, dos instrumentos utilizados nele, que o indivíduo percebe a necessidade de manifestar seus aprendizados, suas ideias e compartilhar o que aprendeu com aqueles a sua volta.

Engels (2006) afirma que a cada novo progresso que o ser social ia obtendo em decorrência do domínio sobre a natureza, ampliavam os seus conhecimentos, levando à descoberta de novas funcionalidades dos objetos que até então eram desconhecidos. Em decorrência do trabalho, o ser humano trabalhava ativamente em conjunto e repassava essa vantagem do trabalho em grupo,

contribuindo ainda mais para um maior agrupamento dos membros da comunidade. Logo, os homens e as mulheres sentiram a necessidade de dizer algo uns aos outros.

O ser humano é movido por diversas necessidades, podendo ser chamadas de “superiores” ou “intelectuais”. Entre elas está a necessidade cognitiva, que induz o ser humano a procurar novos conhecimentos, a necessidade de ser útil à sociedade, a necessidade de comunicação, de ocupar uma posição dentro da sociedade (Luria, 1979).

Complementando, Rego (1995) ressalta que:

Estes processos mentais são considerados sofisticados e “superiores”, porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente (p. 39).

Nota-se, então, que o ser humano para além das suas necessidades fisiológicas, ou seja, tudo aquilo que mantém sua sobrevivência, apresenta necessidades cognitivas que podem variar em cada indivíduo, já que são histórias e vivências diferentes. Essas necessidades podem estar ligadas a crenças, culturas e ao espaço histórico e social em que o indivíduo está inserido.

É na transformação da natureza que o ser humano se transforma, modificando e entendendo o espaço à sua volta, com objetivos que beneficiam a si próprio e à sua comunidade. Diferente dos demais animais, que modificam suas ações com base no ambiente, o ser humano se adapta a ele — como, por exemplo, usar a pele de um animal em um ambiente frio ou fazer uma fogueira para se esquentar.

Sendo assim, os instrumentos de trabalho servem como mediadores entre o trabalhador e o objeto de trabalho, aumentando as possibilidades de transformação da natureza. Sua função é determinada de acordo com os objetivos tentado pelo indivíduo, realizando seu papel e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É nessa finalidade do instrumento de trabalho que se diferencia o ser humano dos outros animais, já que os últimos não criam e nem utilizam os instrumentos para fins específicos, não os guardam para o uso futuro ou para compartilhar com o grupo (Oliveira, 1997).

Diante disso, Luria (1979) também enfatiza que o ser humano possui três traços fundamentais que definem sua atividade consciente, como características

fundamentais que diferem o ser humano do comportamento animal. O primeiro traço define que a atividade consciente do homem não está diretamente ligada a motivos biológicos, incluindo a maioria das ações do ser humano.

Este primeiro traço pode ser explicado ao pensar que a atividade consciente dos humanos, mesmo sob influências e necessidades biológicas do indivíduo, se sobrepõe aos motivos biológicos. Quando o ser humano faz algo que possa machucá-lo, por exemplo, mesmo com seus impulsos biológicos sinalizando alerta, os seus motivos superiores (intelectuais) são priorizados.

Um exemplo marcante da primeira caracterização da atividade consciente da humanidade, pode ser representado pelo que aconteceu em uma creche em Minas Gerais, onde uma professora, chamada Helley Abreu Batista, de 43 anos, lutou para salvar a vida de diversas crianças. Essa tragédia aconteceu em 2017, quando um funcionário da instituição tentou incendiar o local, colocando em risco dezenas de crianças e funcionários que estavam no espaço escolar. Diante dessa situação, uma professora lutou corpo a corpo com o criminoso, conseguindo proteger e salvar seus alunos. Apesar do seu ato heroico, a docente teve ferimentos graves e faleceu no hospital em decorrência de diversas queimaduras pelo corpo (G1, 2017).

Esse exemplo reforça o que Luria (1979) destacou como sendo uma característica humana, uma vez que a professora diante da situação gravíssima em que se encontrava decidiu lutar contra o agressor, colocando a integridade dos alunos acima da sua, mesmo sendo uma situação em que sua vida foi colocada em risco. Diante disso, entende-se que a docente não se sujeitou aos seus impulsos biológicos em se salvar, mas pelas suas necessidades intelectuais, que foi a de proteger as crianças.

O segundo traço destaca, que diferentemente do comportamento dos demais animais, a atividade consciente do ser humano não é inclinada por impressões evidentes. Nesse sentido, Luria (1979) enfatiza:

Sabe-se que o homem pode refletir as condições do meio de modo imediatamente mais profundo do que o animal. Ele pode abstrair a impressão imediata, penetrar, nas conexões e dependências profundas das coisas, conhecer a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, tomar como orientação não impressões exteriores, porém leis mais profundas (Luria, 1979, p. 72).

Entende-se, assim, que o ser humano vai além do que é visto, da sua primeira impressão, ele age de acordo com seus conhecimentos estabelecidos anteriormente, buscando entender o contexto do meio que está inserido, além de possuir saberes que foram historicamente repassados pela sociedade.

Luria (1979) utiliza como exemplo do segundo traço da atividade da consciência a partir da linguagem, quando o indivíduo leva um guarda-chuva ao sair mesmo que o dia esteja claro, pois sabe que em determinadas estações do ano o tempo é imprevisível. Logo, entende-se que o ser social consegue distinguir e determinar as situações que acontecem ao seu redor, ao contrário de se basear apenas na sua primeira impressão que seria o dia claro, o indivíduo usa o extenso conhecimento que possui sobre a natureza.

O terceiro e último traço que difere a atividade consciente do homem do comportamento dos outros animais, enfatiza que grande parte dos conhecimentos e habilidades do indivíduo se constrói por meio da assimilação da experiência de toda a humanidade, que foi acumulada ao longo do processo da história social e transmitido no processo de aprendizagem (Luria, 1979).

Sendo assim, torna-se explícito que a maioria dos conhecimentos que o ser social possui foi por assimilação do que lhe foi repassado ao longo da sua história, desde a forma de se alimentar até a maneira que se veste. O indivíduo está inteiramente ligado à experiência histórico-social de toda a sua comunidade.

Para compreender o surgimento da linguagem, é necessário entender alguns conceitos que Vigotski apresenta como fundamentais para o desenvolvimento da espécie humana, e que a diferencia de outras espécies de animais: os usos dos instrumentos de trabalho e o uso de signos. Esses dois elementos são chamados de elementos mediadores.

Oliveira (1997) afirma que a mediação é um conceito central para a compreensão as concepções de Vigotski acerca do funcionamento psicológico. É o processo em que há uma intervenção por meio de um elemento intermediário em uma relação e essa relação passa por uma mudança que deixa de ser direta, sendo mediada por esse elemento.

A mediação conecta o ser social com o mundo e com os outros seres sociais, dessa forma os instrumentos de trabalho medeiam a relação com o mundo ao transformar a natureza, quando o ser humano passa a entendê-la e a modificá-la

ao ser favor. Já os signos são mediadores da relação do indivíduo com o outro, permitindo a comunicação por diversas maneiras.

De acordo com Oliveira (1997), Vigotski atribui grande importância à necessidade de compreendermos o desenvolvimento da espécie humana. Para a autora:

Compreender as características do homem através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana, com base no trabalho, como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada (Oliveira, 1997, p. 27).

Logo, o trabalho e todas as suas características são usadas como norte para o estudo acerca do ser humano e sua evolução. Assim, é nesse âmbito que o indivíduo se desenvolve, possuindo sempre contato com a natureza, relacionando-se coletivamente e, por fim, produzindo e utilizando os instrumentos.

Luria (1979) afirma que a atividade de preparação dos instrumentos já iniciava uma mudança radical do homem primitivo, distinguindo-a do comportamento animal. Além disso, reitera que durante essa atividade de criação dos objetos de trabalho, inicia-se uma mudança radical de toda a estrutura do comportamento do indivíduo.

Na esteira dos estudos de Luria (1979), Engels (2006) sublinha:

[...] só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença, que, mais uma vez, resulta do trabalho (Engels, 2006, p. 22).

Torna-se evidente que os instrumentos de trabalho são fonte primordiais para o desenvolvimento do ser social na sua evolução não só material, mas também social, pessoal e cultural. Quando o indivíduo vê na natureza um objeto a ser dominado, ele modifica todo o seu ato de consciência, como consequência disto surge, também, a necessidade de dar sentido a tudo que está ao seu redor, utilizando um sistema de códigos para nomear e designar funções aos objetos do mundo, podendo ser chamado de signos.

O uso de signos ocupa um papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo utilizado como um instrumento psicológico. Ao

contrário dos instrumentos de trabalho, que são utilizados para fins externos, os signos são designados para o próprio sujeito, para dentro do ser, controlando ações psicológicas do próprio indivíduo ou de outras pessoas (Oliveira, 1997).

Oliveira (1997) complementa acerca do significado dos signos:

Signos podem ser definidos como elementos que representam ou expressam outros objetos, eventos, situações. A palavra mesa, por exemplo, é um signo que representa o objeto mesa; o símbolo 3 é um signo para a quantidade três; o desenho de uma cartola na porta de um sanitário é um signo que indica “aqui é o sanitário masculino” (Oliveira, 1997, p. 30).

Sendo assim, o signo pode ser compreendido como uma representação de um objeto, porém não só isso, contribui diretamente como auxiliar no processo de desempenho das atividades psicológicas, ajudando a melhorar as possibilidades de armazenamento de informações e as ações psicológicas.

Logo, surge a linguagem que forma a atividade consciente do homem, que vai além de códigos e palavras, torna-se um meio de comunicação na sociedade, fornecendo nomes, funções e ações para os objetos. O primeiro meio de comunicação, naturalmente, foi a junção das palavras, tornando-se frase, transmitindo informações e assimilando aquelas que foram repassadas pelos seus antepassados (Luria, 1979).

A LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Conforme mencionado anteriormente, o signo, a representação da imagem em termos mais simples, teve grande impacto para o desenvolvimento da linguagem, pois codificou os objetos presentes no meio que o ser social estava inserido e a partir dessa representação a linguagem evoluiu, passando da junção de palavras à formação de frases.

De acordo com Oliveira (1997) Vigotski atribui duas funções para a linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. A primeira função, considerada fundamental, concebe que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem para se comunicar com seus semelhantes. Essa função pode ser percebida nos bebês, que mesmo não conseguindo se comunicar, conseguem expressar suas

emoções a partir de expressões, gestos e sons. É essa urgência em se comunicar que impulsiona, primeiramente, o desenvolvimento da linguagem.

Todavia, para que haja uma real comunicação é importante que exista uma linguagem, cujo conhecimento seja comum aos indivíduos, para mediar um entendimento de um ser humano para outro e é nesse caso que os signos são utilizados, sendo o código entendido por todos à sua volta.

Diante disso, surge a segunda função da linguagem: a de pensamento generalizante. Como apresenta Oliveira (1997, p. 43), “A linguagem ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual”. Sendo assim, o pensamento generalizante é a capacidade do ser humano organizar o que está a sua volta, seja animais, objetos, eventos, cada um teria sua categoria e significado próprio, permitindo a compreensão e organização do mundo.

Luria (1979) corrobora essa discussão, ressaltando que o

[...] papel essencial da linguagem na formação da consciência consiste em que as palavras de uma língua não apenas indicam determinadas coisas como abstraem as propriedades essenciais destas, relacionam as coisas perceptíveis a determinadas categorias (Luria, 1979, p. 81).

Percebe-se que a linguagem contribui para que o indivíduo consiga abstrair o objeto, entendendo qual é sua categoria, mesmo ele sendo diferente fisicamente de outro objeto da mesma categoria, como por exemplo uma mesa redonda e uma quadrada, mesmo elas sendo diferentes fisicamente, ainda estão na mesma categoria de mesa e possui a mesma função.

Para além da forma de comunicação e abstração, a linguagem tem grande papel na transmissão de conhecimentos e informações. Dessa forma, os conhecimentos são repassados de geração em geração, tendo grande impacto na sociedade quando transmite modos de comportamento, eventos, vestimentas. Sendo assim, a linguagem transmite toda a história social dos indivíduos ao longo de milhares de anos.

De acordo com Luria (1979),

Ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo imensurável de

conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência (Luria, 1979, p. 81).

A linguagem tem papel fundamental na construção do desenvolvimento do ser humano, sem ela seria impossível o compartilhamento de informações, de modos de sobrevivência, da cultura. Porém, ainda mais importante para a construção da consciência do ser social é o trabalho e seus instrumentos, sem eles a linguagem não seria inserida no desenvolvimento humano.

Nesse sentido, Engels (2006) destaca que

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento (p. 12-13).

A afirmação do autor corrobora a ideia de que o trabalho e a linguagem estimulam o desenvolvimento do ser humano, não só biologicamente, cérebro e físico, mas realiza a estimulação cognitiva, já que o ser humano consegue abstrair os objetos ao seu redor, entender e transformar a natureza, modificar e se adequar ao ambiente que está inserido. Além disso, é a partir da linguagem, por meio do trabalho, que os homens e as mulheres conseguem repassar seus conhecimentos para a sua comunidade e, para além disso, para as próximas gerações.

A linguagem também surge como instrumento do pensamento, etapa de grande desenvolvimento para o ser humano, permitindo que ele consiga separar a fala para experiências imediatas e o pensamento como instrumento de organização de ideias, planejamentos. O desenvolvimento desse recurso pode ser observado diretamente na evolução da criança, provocando enormes mudanças no modo como elas vão se relacionar com o meio em que estão inseridas.

Segundo Rego (1995), Vigotski atribuiu duas fases primordiais para entender a relação entre pensamento e fala. A primeira é a fase denominada de estágio pré-intelectual do desenvolvimento da fala, na qual a criança, por meio de choros e resmungos, expõe o seu desconforto momentâneo, seja fome ou sono, apesar de não ser em forma de palavras a criança consegue contactar o outro membro do grupo. A segunda fase é o estágio pré-linguístico do desenvolvimento do

pensamento que atribui à criança uma inteligência prática, por meio da qual ela consegue agir no ambiente e resolver problemas práticos, como subir em um banco para alcançar um objeto.

Assim, como o bebê não consegue se comunicar diretamente com os seus membros familiares, eles tentam apresentar de alguma forma o que estão sentindo, seja por meio do choro ou de gestos, quando já estão um pouco maiores. Percebe-se que, para além da linguagem, a criança consegue ir em busca do objeto que ela quer pegar ou designar para onde gostaria de ir, esse fato é resultado do desenvolvimento do pensamento que atribui uma inteligência prática à criança, utilizada para resolver alguns problemas simples do cotidiano. Isso só é possível porque a criança começa a relacionar linguagem e pensamento, como explica Rego (1995):

Através de inúmeras oportunidades de diálogo, os adultos, que já dominam a linguagem, não só interpretam e atribuem significados aos gestos, posturas, expressões e sons da criança como também a inserem no mundo simbólico de sua cultura. Na medida em que a criança interage e dialoga com os membros mais maduros de sua cultura, aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação. Nesse momento o pensamento e a linguagem se associam, consequentemente o pensamento torna-se verbal e a fala racional (Rego, 1995, p. 65).

Entende-se então que o desenvolvimento da relação entre o pensamento e a linguagem da criança se dá a partir do seu meio social, com o auxílio dos indivíduos mais experientes que não só a ensina como falar, como também se expressar, seja por gestos, posturas e sons. Além disso, algo muito importante acontece que é o contato com a sua cultura transmitida pelos mais velhos. Por meio desse contato, a criança também entende como utilizar a linguagem em forma de pensamento e para a comunicação.

Além disso, Rego (1995) afirma que não é somente por meio da comunicação com outras pessoas que o ser humano desenvolve qualitativamente o pensamento verbal. O ser social consegue desenvolver o “discurso interior”, que é um discurso sem vocalização, voltado para o pensamento, que possui a função de ajudar o indivíduo com suas operações psicológicas.

O pensamento verbal ao qual a autora se refere é basicamente um discurso interior, por meio do qual o indivíduo conversa consigo mesmo, deliberando quais decisões irão ser realizadas naquele momento, como escolher a rua que irá desviar para chegar mais rápido ao trabalho, por exemplo. Existem inúmeras situações que o

ser social realiza ao longo do dia para definir quais decisões irá seguir, não só no presente, mas também no futuro. Logo, vemos que diante da relação da linguagem com o pensamento o ser humano consegue, também, dar voz ao seu futuro, idealizando cada passo a ser seguido.

Rego (1995) com base nos estudos de Vigotski, explica o discurso socializado e o discurso interior, conforme destaca a seguir:

Primeiramente a criança utiliza a fala como meio de comunicação, de estabelecimento de contato com outras pessoas. Para a resolução de um problema, por exemplo (como alcançar um brigadeiro que está em cima de uma geladeira), a criança faz apelos verbais a um adulto. Nesse estágio a fala é global, tem múltiplas funções, mas não serve ainda como um planejamento de sequências a serem realizadas; assim não é utilizada como um instrumento do pensamento. Vygotsky chamou essa fala de *discurso socializado*. Aos poucos, a fala socializada, que antes era dirigida ao adulto para resolver um problema, é *internalizada*, ou seja, a criança passa a apelar para si mesma para solucionar uma questão: é o chamado *discurso interior* (Rego, 1995, p. 66).

Isto posto, fica evidente que no primeiro momento a criança usa a fala apenas para a comunicação e em geral com os seus outros membros familiares, uma fala ainda não planejada. É nesse primeiro momento que a criança ainda é totalmente dependente das ações dos outros indivíduos para que eles possam realizar os seus desejos que precisariam de um planejamento prévio. Como no exemplo acima, a criança ainda não consegue planejar sua ação ao pegar uma cadeira ou um banco, por exemplo, para conseguir alcançar o brigadeiro.

O segundo discurso é o interior, nessa próxima fase a criança já consegue apelar para si própria, objetivando resolver algum problema, ou seja, a fala que antes era direcionada para um adulto, agora apresenta-se internalizada. Nessa fase a fala passa a ter função planejadora, contribuindo para que a criança estabeleça uma comunicação interna, sem vocalização, com o objetivo de solucionar a sua dificuldade preexistente (Rego, 1995).

Nesse segundo discurso é possível compreender o quanto a fala inicia um longo processo de desenvolvimento para a criança, pois em um primeiro momento ela só conseguia utilizar a fala para a comunicação e nessa fase ela já consegue usar a fala com o objetivo de resolver os seus problemas. Esse novo processo do desenvolvimento também auxilia no planejamento de conflitos futuros, indo além das experiências imediatas.

Diante disso, entre essas falas, existe uma intermediária, que está entre esses dois discursos, funcionando como uma transição. Oliveira (1997) expõe que em um certo período do seu desenvolvimento, a criança passa a utilizar a fala egocêntrica, que seria o momento em que ela fala alto para si mesma, sem a necessidade de ter outra pessoa. A fala egocêntrica pode ser notada em crianças de três a quatro, são falas que marcam a existência de um diálogo consigo próprio, em que a criança “pensa alto”. Um exemplo é quando a criança quer pegar um objeto e está fora de seu alcance, então ela fala alto para si mesma, planejando como irá fazer isso.

Percebe-se que apesar de o discurso ser externo, já existe a característica de fala internalizada, em que a criança “pensa alto”, pois é um diálogo próprio para o qual ela não precisa de outro indivíduo para externalizar o que irá fazer. Nota-se, então, que a linguagem deixa de ser usada apenas para comunicação com outros membros do seu grupo e se torna um processo de fala interna, ainda que possua características externas.

Nessa relação entre pensamento e linguagem, percebe-se o quanto ambas são importantes para o desenvolvimento do ser humano. Nota-se ao longo do processo do desenvolvimento da criança, quando ela inicia usando a linguagem apenas como forma de comunicação, repassando seus sentimentos momentâneos e suas necessidades para os membros familiares e, durante o seu processo de evolução, usa a fala internalizada, conseguindo superar seus problemas. Com esse progresso, a criança pode ir além das suas experiências imediatas, ela consegue prever os problemas futuros e deduzir resoluções. Diante disso, é a partir da linguagem que o ser humano vai além do momento imediato, criando e desvendando o futuro, repassando os conhecimentos para o futuro e evoluindo cada vez mais.

Segundo Vigotski (*apud* Rego, 1995),

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (Vigotski *apud* Rego, 1995, p. 63-64).

Assim, percebe-se que a linguagem possui papel fundamental para a aprendizagem, já que, a partir dela, a criança é capaz de realizar diversas atividades, além de aprender através do contato social com as pessoas do seu meio. A escola, nesse contexto, apresenta função primordial, uma vez que deve garantir o acesso aos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, conforme lembra Saviani (1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, por meio das discussões desenvolvidas ao longo deste artigo, analisar a linguagem como uma necessidade originada do trabalho, e as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, como promotoras da consciência humana. Assim, compreende-se que, através da transformação da natureza, os seres humanos também foram se transformando, de modo a desenvolverem a linguagem que aos poucos foi se tornando acessível a toda a humanidade.

É nesse transcurso, que se percebe a evolução do pensamento superior dos seres sociais. O uso da linguagem como uma exigência do trabalho, torna-se um elemento primordial no processo de transformação da consciência humana, incidindo diretamente na passagem da história natural da humanidade à sua história social.

A partir do referencial teórico pautado na perspectiva histórico-cultural, argumentou-se que existem duas condições reconhecidas como indispensáveis para a formação da consciência dos seres sociais. A primeira condição diz respeito ao trabalho social e ao emprego de instrumentos de trabalho, isto é, para transformar a natureza, os homens e mulheres elaboram e utilizam instrumentos, os quais são planejados conforme as necessidades exigidas no trabalho. Tais instrumentos adquirem característica social e histórica, uma vez que são socializados com os demais membros da comunidade e repassados para as gerações futuras, que os transformam mediante as necessidades do trabalho.

Cumprido destacar, que o processo de intervenção na natureza exige dos seres sociais instrumentos cada vez mais modernos para que possam melhor planejar e posteriormente executar o trabalho previamente pensado. A utilização dos instrumentos elaborados representa a ação consciente dos indivíduos sobre a natureza. De modo diferente, os demais animais não produzem seus próprios

instrumentos, tão pouco repassam aos demais membros do bando ou para as novas gerações os materiais utilizados para sua sobrevivência. Enquanto os seres humanos, através do trabalho, intervêm conscientemente na natureza, transformando-a – e transformando-se –, os outros animais são regidos por motivos biológicos.

A segunda condição que proporciona a formação da atividade consciente dos seres sociais corresponde ao sistema complexo de linguagem que surgiu por intermédio do trabalho. Durante um longo período da história da humanidade, a linguagem esteve associada aos sons e gestos utilizados na ação prática, adquirindo, posteriormente, independência, somente possível através da linguagem, que proporcionou a abstração e a generalização dos objetos, qualidades e ações do mundo exterior, pela humanidade.

Para tanto, os indivíduos passaram a distinguir os objetos criados – ao nomeá-los e definirem finalidades para cada um –, guardando-os na memória, ação do pensamento superior, marcada pela abstração e generalização. Ademais, a linguagem é primordial no processo de transmissão de informações às novas gerações. Sem o complexo sistema de linguagem, as pessoas nascidas em cada época, assim como o fizeram as gerações anteriores, teriam que encontrar maneiras de sobreviver em um mundo totalmente desconhecido.

Em síntese, a linguagem humana surge através da intervenção dos seres sociais na natureza, como uma necessidade de transmitirem aos demais indivíduos as descobertas realizadas por meio do trabalho coletivo. Enquanto mediadora, a linguagem contribui para a formação do pensamento superior, determinando o comportamento humano para além das características biológicas herdadas pela espécie.

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. **Revista Trabalho Necessário**, ano 4, n. 4, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603>. Acesso em: 10 set. 2025.

G1. **Grande Minas**. 'A conduta dela foi heroica', diz delegado sobre professora que morreu em creche em Janaúba. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/a-conduta-dela-foi-heroica-diz-delegado-sobre-professora-que-morreu-em-creche-em-janauba.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. I, 1979. p. 71-84. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/luria/ano/mes/90.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.